

A MEMÓRIA NA TESSITURA NARRATIVA DO EVANGELHO DE LUCAS

Memory in the narrative tessitura of Lucas' Gospel

Aliana Georgia C. Cerqueira
UNESP

Resumo: Narrar uma história, além de um ato estético-literário, pode ser uma estratégia a favor da memória. A assertiva dada pode evidenciar-se no gênero Evangelho, narrativa do chamado cristianismo primitivo. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo investigar o papel da memória na tessitura narrativa do Evangelho de Lucas. Fundamentaram a investigação os estudos de Auerbach (2007), Benjamin (1996), Candau (2012), Cassin (1999), Ferreira (2006), Halbwachs (2006), Le Goff (1996), Luz (1993), Mendes (2011), Mitidieri (2010), Pollak (1986) e Sarlo (2007). Como procedimento metodológico empregou-se a pesquisa bibliográfica. Constatou-se que os escritos dos evangelhos apresentam traços de formas literárias conhecidas como a doxografia e indícia, cultural e historicamente, a formação da identidade judaico-cristã, possibilitando a evocação dessa memória por meio dos rituais – narrativos e litúrgicos.

Palavras-chave: Narrativa paleocristã. Memória Coletiva. Identidade.

Abstract: *To narrate a story beyond a literary aesthetic act can be a strategy to benefit the memory. This statement is evidence in the Gospel genre, the primitive Christianity. In this sense, the aim of the study is to investigate the role of the memory in the narrative structure of Luke's Gospel. The research studies are based on Auerbach (2007), Benjamin (1996), Candau (2012), Cassin (1999), Ferreira (2006), Halbwachs (2006), Le Goff (1996), Luz (1993), Mendes (2011), Mitidieri (2010), Pollak (1986) and Sarlo (2007). The methodological procedure employed a literature research indicating the writings of the Gospels exhibit traces of literary forms known as doxography, which is the cultural and historical formation of the Judeo-Christian identity. Thus, making it possible to recall this memory through narrative and liturgical rituals.*

Keywords: *Christian Narrative. Collective memory. Identity.*

Introdução

A memória parece ser inerente ao ser humano. É possível encontrar vestígios mnemônicos em (quase) todos os povos e diferentes culturas. Ela desenvolve-se como uma necessidade de preservar o passado para construir o presente e esboçar o futuro. Na Literatura e na História, por exemplo, constata-se sua voz tênue, veemente ou silenciosamente disfarçada.

Assim, há como verificar a importância da memória para uma determinada cultura através de seus textos históricos e, até mesmo, literários. Não é necessário ser um especialista em estudos teológicos para perceber, por exemplo, a presença da memória na cultura judaica, a importância da lembrança para a consolidação de sua fé. Vários elementos culturais demonstram a preocupação com a retomada do passado: livros sagrados que registram leis morais, cerimoniais e civis; releitura desses escritos e ensino veemente às crianças e jovens; cerimônias que (re)atualizam e estabelecem valores de sua tradição. Como se lê em Joel 1: 3: “Fazei sobre isto [fatos históricos, nesse caso, a seca que desolou a nação] uma narração a vossos filhos, e vossos filhos a seus filhos, e os filhos destes à outra geração.”.

Do mesmo modo, a memória é essencial ao Cristianismo, uma vez que suas raízes tenham advindo do próprio Judaísmo, ainda que aquele se diferencie desse. Desde sua fundamentação e permanência, rituais (liturgia) e narrativas fazem parte do universo de resgate do passado. Mendes (2011) analisa a memória cristã como uma memória coletiva e esclarece: “Essa memória compartilhada pelos cristãos, que vai ser resgatada em cada época, respondendo a necessidades e objetivos de cada uma delas, corresponde a um elemento unificador das primeiras comunidades cristãs e formadora desta tradição” (p. 15). A autora, em sua análise, aponta como principal suporte dessa memória os *evangelhos*, vistos como artefatos culturais e suportes da memória coletiva. Através das narrativas “a memória deixa de ser simplesmente uma lembrança que ainda preserva um sentido de distância, mas realiza o papel de re-atualização da figura e palavras de Jesus” (MENDES, 2011, p. 11).

Infelizmente, por longo tempo o texto bíblico foi apenas estudado nos círculos religiosos, deixando-se de lado o estudo literário, como esclarece Ferreira (2006). No entanto, além do estudo desses textos ser complementar à Teologia, pode contribuir significativamente na compreensão da cultura oriental e do homem no uso da linguagem, de como ele constrói metaforicamente o sentido e alude à tradição judaico-cristã, a exemplo das obras literárias nas quais a presença do texto bíblico é recorrente, como dos autores: Brecht, Faulkner, Goethe,

Guimarães Rosa, Hemingway, Kirkegaard, Machado de Assis, Saramago, Thomas Mann, Tolkien, apenas para citar alguns. Além de que, como bem evidencia Frye (2004), Jesus – pessoa central na Bíblia, especialmente os evangelhos – é uma figura de crucial importância na história do Ocidente, ou seja, um instaurador de discursividade, e, conseqüentemente, de memória. Ademais, para Alter (2007), a Bíblia é uma obra que, do ponto de vista literário, resiste ao tempo. Ele desmistifica sua leitura ao considerá-la um livro que, como outros, atinge seus efeitos por meio da língua escrita, e, ainda, demonstra que estudar os textos bíblicos não significa desconsiderar os demais valores da obra, como os históricos, arqueológicos e religiosos, mas se deve realizar a análise literária antecedente a qualquer outra, visto que essa leitura é esclarecedora quanto ao que o texto diz.

Dessa maneira, considerando o evangelho como um gênero literário e histórico, o presente trabalho tem como objetivo investigar o papel da memória na tessitura narrativa do Evangelho de Lucas, um dos quais se encontram registradas as parábolas de Jesus, gênero da narrativa breve que atravessou séculos e permanece no imaginário popular ocidental, na Literatura Brasileira e estrangeira.

Como procedimentos de análise, empregou-se a pesquisa bibliográfica, com fundamento nos estudos de Auerbach (2007), Benjamin (1996), Candau (2012), Cassin (1999), Ferreira (2006), Halbwachs (2006), Le Goff (1996), Luz (1993), Mendes (2011), Mitidieri (2010), Pollak (1986) e Sarlo (2007). Assim, a metodologia aponta para a leitura do Evangelho de Lucas, do contexto histórico e cultural e do referencial teórico que fundamentam o estudo. Logo, após apresentação dos pressupostos teóricos sobre a memória e dos principais aspectos culturais na formação do texto de Lucas, informações pertinentes à compreensão do gênero a que pertence, é discutida a análise.

1. Memória coletiva e construção da identidade na narrativa

A memória é a propriedade de conservar informações; é o conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas, de acordo com Le Goff (1996). Tratando-se de representações da memória, sabe-se que:

O ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo, caracterizado, sobretudo, pela sua função social, pois, é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo (LE GOFF, 1996, p. 224-225).

Logo, a narração do passado é também um ato representativo, pois é a presença da palavra no lugar do fato. Portanto, a memória pode ser considerada uma representação, isto é, criada a partir da vontade individual ou coletiva, mas também pode ser um fato “inevitável”. Como aponta Sarlo (2007), não se pode eliminar o tempo passado, ele é um perseguidor e, nas palavras da autora: “sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizado por procedimentos da narrativa, e, através deles, por uma ideologia que evidencie um *continuum* significativo e interpretável do tempo” (p. 12). A partir das palavras de ambos os autores, infere-se que a narrativa é também suporte da memória, guardiã do passado e, simultaneamente, indicadora do futuro: “Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro” (SARLO, 2007, p. 12).

Do mesmo modo, Benjamin (1996) afirma que a memória é, das faculdades, a mais épica, visto que apenas uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas e resignar-se com o desaparecimento dessas coisas. O poeta Hesíodo evoca as filhas da deusa Mnemosine (Memória) – as musas –, para iniciar seu canto poético e desvelar sua narrativa. Destarte, o autor considera que:

A *reminiscência* funda a cadeia da tradição, que transmite o acontecimento de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. (BENJAMIN, 1996, p. 210; grifo do autor).

Ademais, o ato de narrar diferencia-se quanto à qualidade narrativa, ao estilo, aos detalhes, à linguagem, dos quais os ingredientes principais são retirados do próprio homem: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1996, p. 198). Ainda no que tange à experiência, a memória pessoal e a memória dos outros (ou de sua comunidade), são fundamentais para a narração: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1996, p. 199).

Por conseguinte, a memória também está relacionada à construção da identidade. Pollak (1992) afirma que na construção identitária há três elementos essenciais: a unidade física, isto é, o corpo da pessoa ou a coletividade, que imprime o sentimento de fronteiras físicas ou de

pertencimento ao grupo, respectivamente; a continuidade dentro do tempo e o sentido de coerência. São diferentes elementos unificados na formação de um indivíduo. Logo, o autor conclui:

Podemos, portanto, dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 5; grifo do autor).

No que se refere ao grupo, cumpre mencionar o conceito de memória coletiva de Halbwachs (2006). De acordo com os estudos desse autor, a consciência atua no presente na escolha do passado, e assim, compreende uma reconstrução, pois o momento original não é mais o vivido, não há uma memória “estocada” no inconsciente, mas é possível reconstruí-la, reinterpretá-la através da evocação. Nessa perspectiva, a memória individual é socialmente constituída por quadros sociais, sendo que, tudo que é lembrado faz parte de tais construtos realizados no presente. A memória do indivíduo tem sua base no contexto social, sendo formada pelos quadros sociais – família, religião, formação cultural - que a pessoa viveu em sociedade e em todas as fases da vida. Não obstante, no entendimento de Halbwachs, a memória terá sempre um caráter social, não pode haver uma memória estritamente individual porque a memória é formada coletivamente:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que os outros estejam presentes, (...), pois sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Logo, a memória individual está intimamente relacionada à memória do grupo, e essa última é a área maior da tradição, a qual representa a memória coletiva. Para finalizar esse entendimento, encontra-se, na importância da coletividade, a convergência entre suas recordações:

Para que uma memória se beneficie da memória dos outros, não basta que estes apresentem seus testemunhos: também é necessário que ela não tenha deixado de concordar com a memória deles e que haja muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Isso implica considerar a escrita dos evangelhos como uma narrativa memorial de sua memória coletiva, os quais tanto são elaborados através desta memória como servindo de suporte dela, estabelecendo sua identidade.

2. O texto de Lucas e sua caracterização: evangelho, um gênero literário?

Antes de analisar o material literário da narrativa de Lucas, é fundamental apresentar quais características de gênero literário seus textos evidenciam, atestando, também, sua literariedade.

Ferreira (2006) assume o evangelho como gênero biográfico greco-romano, em especial, o Evangelho de Mateus, pois recebe tratamento retórico com o fim de evidenciar a personagem principal e é colocada a certa distância do tratamento exclusivamente historicista. Seus estudos sobre esse texto contribuíram para o olhar literário sobre os evangelhos, possibilitando o encontro de seus traços genericistas, sua forma, objetivos da escrita e o público (leitor) alvo. Por longo tempo esses textos eram apenas considerados um amontoado de pequenos fragmentos, sem atenção às suas escolhas lexicais, configuração, estilo e demais aspectos de sua forma composicional. O autor lembra que, apesar de o evangelho apresentar dados da realidade social, seu objetivo é, também, descrever “o mundo ideologicamente com a intenção de levar os leitores a aceitarem os valores ali expressos em oposição àqueles da sociedade” (p. 109). Assim, pensar o “evangelho” como literatura própria do Cristianismo em um texto fragmentado e sem conexões é insuficiente para definir os propósitos do gênero utilizados pelos seus escritores/autores.

Entretanto, não se pode falar em escritores dos evangelhos no sentido estrito do termo, discussão que por si só já demanda diferentes abordagens hermenêuticas e teológicas. Todavia, essa questão aproxima os evangelhos das formas doxográficas:

Os seus autores só podem ser considerados escritores no sentido mais amplo do termo, pois fundamentalmente são simples copiadores, transmissores ou redatores. Sua atividade consiste, sobretudo, em transmitir, agrupar e reelaborar um material transmitido; a mesma interpretação teológica desse material – na medida em que se pode supor que existiu tal interpretação – se reduz essencialmente a uma atividade indireta (DIBELIUS, 1984, p. 14, tradução minha)¹.

¹ “A sus autores sólo se les puede considerar escritores en el sentido más lato del término, pues fundamentalmente son simples recopiladores, transmissores o redactores. Su actividad consiste sobre todo en transmitir, agrupar y reelaborar un material transmitido; la misma interpretación teológica de este material – en la medida en que se puede suponer que existió dicha interpretación – se reduce esencialmente a una actividad indirecta.” (DIBELIUS, 1984, p. 14).

Os autores dos evangelhos são escritores em sentido amplo, pois podem ser considerados recopiadores, transmissores ou redatores, tais como o são os escritores doxográficos, cujas características de escrita (desses “copistas” ou “transmissores”) são indicadas por Cassin (1999). Essa e outras características do Evangelho de Lucas o aproximam da doxografia, ou, como outros autores preferem chamar, biografia greco-romana. Vale acrescentar que a esfera, o ambiente cultural e social que originaram a forma (auto)biográfica greco-romana são semelhantes às que influenciaram a doxografia.

Estão presentes na produção desse evangelho a influência cultural dos povos que habitavam a Palestina da época. O Império Romano, que havia assimilado a cultura grega pelo Helenismo, influenciou culturalmente os judeus e, conseqüentemente, cristãos. Assim, o estudo de Ferreira (2006), baseando-se nos estudos de Bakhtin (1998), Burridge (1999), Lesky (1999), Momigliano (1993), Talbert (1992), e outros, e em exemplos como os de Plutarco, indica os traços biográficos do Evangelho de Mateus, os quais convergem com as concepções sobre doxografia. Seu estudo ajuda a compreender a constituição do Evangelho de Lucas, que possui traços semelhantes.

Nos evangelhos, atribui-se papel central à personagem Jesus. O narrador mantém o foco centrado nele, até mesmo elementos como cenário, indicações cronológicas e personagens giram em torno da personagem. Cumpre mencionar, também, que o elemento ficcional na biografia, e aqui se acrescenta doxografia, tinha a preocupação com o trabalho artístico e retórico do texto, não significando, com isso, que se tratava de um fato inverídico, mas que se buscava mais a transformação do leitor do que a exatidão histórica, acrescenta Ferreira (2006). Isto é, os evangelhos foram escritos com o objetivo de produzir uma reação em seus leitores, não simplesmente descrever fatos ocorridos no passado. Com elementos da ficção como componente de sua escrita, esse gênero objetiva o convencimento através da coerência interna, cuja principal indicação da verdade ou falsidade do texto era a plausibilidade. Como esclarece Arfuch (2010), sobre a incerteza do ficcional/não ficcional das formas biográficas e autobiográficas: “seu *efeito de credibilidade* entra em jogo através dos mesmos *procedimentos retóricos* que caracterizam os gêneros de ficção, sobretudo o romance” (p. 73, grifo da autora).

Na definição de biografia de Burridge, como menciona Ferreira (2006), a forma biográfica teve origem entre os que participavam de um determinado grupo após a morte do líder para manter e registrar o exemplo a ser seguido. De acordo com o autor, esse tipo de descrição

aproxima o evangelho aos escritos biográficos de filósofos, ou, mais especificamente, a doxografia, cujo objetivo era também propagar os ensinamentos da escola filosófica. Uma das razões para a escolha da forma biográfica é a sua disponibilidade naquele contexto e a possibilidade de desenvolvimento de uma escrita seletiva, na qual se deslocam detalhes como tempo e cronologia para o segundo plano, a fim de destacar a apresentação descritiva do biografado. Era função desse modo de escrita “atualizar as palavras e ações de Jesus junto ao leitor dos anos 80 d. C.” (FERREIRA, 2006, p. 177).

Luz (1993) afirma que se for feita uma análise anacrônica dos evangelhos, a relação desses escritos com a biografia é controversa. Para esse autor, os evangelhos apresentam alguns traços que os aproximam da forma biográfica antiga, sobretudo, pelo seu tom próprio para aconselhar ou pelo ordenamento sistemático do material. Todavia, dentre os pontos que diferenciam os evangelhos da forma biográfica, está a referência ao texto bíblico (Antigo Testamento), fundamental para sua escrita, cuja característica é alheia à biografia antiga.

A doxografia, por sua vez, é caracterizada pela reunião de trechos de obras, fragmentos, citações, partes que demonstram um “todo estranho”, assinala Mitidieri (2010). Mais além do sentido etimológico “opinião”, *doxa* remete ao significado de opinar, reter uma observação quanto a alguém, um conceito que se faz de uma pessoa, relacionando às noções de fama e consolidação pública. Entretanto, existem ambivalências terminológicas, mesmo no sufixo *grafia*, que remete à escrita, como bem esclarece Cassin (1999).

Quanto ao ordenamento assistemático do material doxografado, há, por exemplo, em *Apologia de Sócrates*, um material que não retrata muitas passagens da vida de Sócrates e as apresenta em meio a citações e registros do pensamento transmitido pelo filósofo nas suas lições orais, indica Mitidieri (2010). Essa característica evidencia-se no Evangelho de Lucas, pois ali se lê poucas passagens relatando a infância, adolescência e juventude de Jesus. Após a narração de seu nascimento, sua circuncisão ao oitavo dia, apresentação no templo e um episódio em seus 12 anos, a narrativa dá um salto para os seus 30 anos, quando inicia seu ministério. A seguir, a narração de seu nascimento:

Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se. Este, o primeiro recenseamento, foi feito quando Quirino era governador da Síria. Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi, a fim de alistar-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. Estando eles ali, aconteceu completarem-se-lhe os dias, e ela deu à luz o seu filho primogênito,

enfaixou-o e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria (LUCAS 2: 1-7).

Após essa narração, menciona-se a sua circuncisão e apresentação no templo:

Completados oito dias para ser circuncidado o menino, deram-lhe o nome de JESUS, como lhe chamara o anjo, antes de ser concebido. Passados os dias da purificação deles segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor (LUCAS 2. 21-22).

Posteriormente, mostra-se o discurso de dois profetas – Simeão e Ana – e, sobre sua infância, é dito apenas que “Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele.” (Lucas 2: 40), e ainda, narra-se a sua primeira ida ao templo em Jerusalém, aos doze anos de idade. Depois desse episódio, há relatos da pregação de João Batista anunciando-o, quando Jesus vai a seu encontro e é batizado, aos 30 anos. Logo depois, jejua e passa pela tentação para, então, iniciar seu ministério de preleções, milagres e, sobretudo, narrações de parábolas. Contudo, apesar dessas semelhanças com a doxografia, não se deve tomar o Evangelho de Lucas como gênero doxográfico de forma restrita, especialmente porque seus objetivos eram outros, já supramencionados quando da análise de sua memória no Paleocristianismo. Vale acrescentar que a narração do evangelho foge, em muitos aspectos, à narrativa dos filósofos. Há ausência de propaganda a respeito da personagem relatada e sua descrição não condiz com a de alguém que está sendo promovido, nos moldes de descrição de heróis da Antiguidade.

Além disso, Jesus aparece em público carregando crianças no colo, falando com mulheres, mendigos, pecadores e outros excluídos. Sua morte é degradante, mostra-se fraco quando se aproximam os momentos de sua aflição e tortura; recebe ajuda de outro homem para levar a sua cruz, o próprio instrumento de condenação, o qual não foi capaz de carregar até o destino; seus discípulos fogem e um deles negou-o três vezes. Como afirma Auerbach (2007), esses relatos são inadequados ao estilo das narrativas literárias gregas e ao estilo de sua oratória elevada. Diferente de narrações da vida de filósofos, como Sócrates, o qual permanece firme em suas opiniões na narrativa, sendo retratado de modo impassível em sua sentença de morte, quando estava a beber o veneno da sicuta.

Desse modo, entende-se que o Evangelho de Lucas contém muitos traços do gênero doxográfico (que para alguns autores é uma das formas biográficas greco-romanas). Entretanto, há aspectos que, por motivos claros, o diferenciam dos demais escritos da doxografia: a alusão ao Antigo Testamento e o modo de pensar o mundo cuja herança ainda era da língua hebraica, da

cultura judaica; modos narrativos e de descrição da personagem principal distintos. Ademais, compreende-se o Evangelho de Lucas como um texto bem elaborado literariamente. Em sua narrativa, notam-se relatos de um “historiador” simples e acessível, que como narrador foi um escritor buscando ser influente e detalhista na transmissão do discurso de sua personagem. Esta última característica está atrelada à construção da memória, e, antes de ser analisada, apresenta-se a influência cultural presente nos seus escritos na seção a seguir.

2.1 O evangelho: rastros da circulação cultural em um Império

Na escrita do Evangelho de Lucas, encontram-se diversas marcas textuais, linguísticas e culturais que refletem a circularidade cultural por que passava a Palestina na época Paleocristã. Enquanto refletem indícios culturais, também os refratam indicando novos aspectos a essa cultura híbrida, novos conceitos de comportamento e espiritualidade. Sobre essa circularidade cultural, já foi mostrado que o evangelho contém com traços da forma biográfica greco-romana, como indica Ferreira (2006) e problematiza Luz (1993); ou doxográficos, como salientam Mitidieri (2010) e Cassin (1999). Desde o nome atribuído aos seus escritos, que fazem parte do terceiro livro do conjunto de Evangelhos Sinópticos², até o conteúdo de sua narrativa e o estilo com que a escreve, expressa-se uma memória coletiva.

O termo evangelho já era usual no Império Romano muito antes do nascimento de Jesus e da divulgação, por meio de seus discípulos, de seus ensinamentos e obras. Etimologicamente, significa “boa notícia”, ou “boa mensagem”, do grego *euangelion*: *eu-* bom, e *-angelion* mensagem. O *euangelos* era o mensageiro bom, como aquele homem que levava do campo de batalha a notícia da vitória. Após o século IV a. C., por causa do culto ao imperador, que começou a ser considerado um deus, a palavra *euangelion* passou a ser utilizada para anunciar o nascimento do soberano, a sua coroação ou aquilo que iria realizar no reinado. Segundo o historiador Tácito (*Annales*, VI, XXII), uma antiga inscrição do calendário de Priene, séc. 9 a.C., descrevia o nascimento de Augusto como sendo “boas novas” para o mundo. Assim, os discípulos de Jesus tomaram o vocábulo para registrar os feitos e ensinamentos do mestre, expressando, com todo

² Dos quatro evangelhos encontrados no Novo Testamento bíblico, os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas são conhecidos como sinóticos (do grego *synopsis*: visão de conjunto), pois são semelhantes em sua organização e passíveis de comparação entre si, quando dispostos em colunas verticais paralelas, permite-se uma visão desse conjunto.

seu significado, que o nascimento e a vida do nazareno era a boa notícia para a humanidade, em detrimento do imperador.

O início da narrativa indica o estilo de um historiador e a preocupação com a veracidade dos fatos, mas diversas vezes seu modo de narrar simples indica uma intenção em alcançar até o camponês que não dominava a erudição histórica e religiosa. Segundo Postal (2009), dentre as estratégias por ele utilizadas na tentativa de garantir essa historicidade, encontram-se: o estilo do prefácio, a figurativização do narratário e exposição dos fundamentos da fidedignidade de sua narrativa. O seu prefácio segue o estilo dos prefácios de historiadores gregos da Antiguidade, como o historiador Tucídides (460 a. C. – 396 a. C.), Postal (2009). Nele, a identificação é possível apenas com a ativação da cultura pessoal do leitor:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, **conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra**, igualmente a mim me pareceu bem, **depois de acurada investigação** de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, **excelentíssimo Teófilo**, uma **exposição em ordem**, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído. (Lucas 1: 1-4; grifos meus).

Desse modo, nota-se, além dessa ativação cultural, o endereçamento a Teófilo, a fundamentação nas informações colhidas de testemunhas oculares, pesquisa cuidadosa e, por fim, uma cronologia. Seu efeito de sentido de realidade, por meio do discurso e, especialmente das narrativas que coletou, isto é, os testemunhos, é um ato de memória, como indica Benjamin (1996). É a fonte a que recorrem todos os narradores, direta ou indiretamente, e as melhores narrativas, na visão benjaminiana, são aquelas que se aproximam das histórias orais relatadas por anônimos.

Além de haver uma memória na narrativa de Lucas, o próprio Evangelho atuou como suporte para essa memória. Considerando o conceito de Halbwach, Mendes (2011) defende a memória do Paleocristão³ como uma memória coletiva, partilhada pelos membros das comunidades primitivas do cristianismo e, ainda, considera a escrita dos *evangelhos* uma narrativa memorial, como um elemento fundamental na constituição dessa memória, atuando como suporte da memória cristã, ao possibilitar seu resgate e oferecer a garantia de constante repetição e atualização.

Como narrativa, o Evangelho de Lucas carrega em si uma qualidade que os demais evangelhos não possuem: maior quantidade de parábolas, detalhes de fatos ocorridos na época de

³ O Paleocristianismo é o termo utilizado por alguns historiadores para referir-se ao início do Cristianismo, entre 30 e 36 d. C.. Nasceu através do movimento de Jesus e da pregação de seus discípulos, em meio a uma sociedade judaica. Após a morte de seu líder, o grupo dos seguidores de Jesus, existente ainda dentro do judaísmo, recorria à memória e às tradições judaicas para articular suas pregações, sua crença e fidelidade a Jesus.

Jesus, costumes do camponês palestino e acontecimentos atestados pela História e Arqueologia. Fatos e cenas que compõem a narrativa lucana fazem parte do contexto histórico da palestina na época. O Império romano havia expandido-se grandemente e os judeus encontravam-se sob seu domínio, vivendo sua cultura em meio aos mais variados costumes dos diferentes povos com os quais conviviam. É também esse o cenário de circularidade cultural que constituirá a memória coletiva no Evangelho.

3. A narrativa lucana e seus sinais de memória

A memória exerce um papel fundamental na formação da identidade e da tradição cristã, evidencia a circularidade cultural na formação da Cristologia no Evangelho, a partir de diversos encontros culturais judaicos, greco-romanos e cristãos, esclarece Machado (2005). Como exemplo, pode-se citar o costume de realizar reuniões para uma refeição comum, como se encontra na narrativa de Lucas. Desde tempos mais antigos ao Paleocristianismo, as refeições comuns entre membros da família em memória de um morto eram praticadas e representavam uma expressão social. Os judeus reuniam-se para comer juntos na páscoa e demais festas de sua cultura. Enquanto que, nos primeiros séculos cristãos, essa era uma prática que tanto resgatava uma memória antiga (o costume de reunir-se para comer em celebração) como referenciava uma nova prática a ser sempre lembrada: a *Ceia do Senhor*, a qual comemorava a morte e ressurreição do messias para os cristãos:

E tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles, dizendo: ‘este é meu corpo que é dado por vós. **Fazei isto em minha memória**’. E, depois de comer, fez o mesmo com a taça, dizendo: ‘essa taça é a nova aliança em meu sangue, que é derramado por vós’ (Lucas 22: 19 -20; grifo meu).

Esse é outro exemplo da memória no Evangelho de Lucas, além da representação do passado, encontrada na linguagem e em outras manifestações culturais. As práticas e ritos permitiam o forte vínculo entre passado e presente. É um passado que não suspende o presente, mas implica um (outro) futuro, parafraseando Sarlo (2007). O próprio ato de fracionar o pão era um costume entre os judeus, fazia parte de um de seus ritos. Verifica-se que:

A memória partilhada pelas primeiras comunidades cristãs, da vida, palavra e ensinamentos instituídos por Jesus, através dos rituais celebrados pelas comunidades, vai solidificar a tradição cristã, oferecendo aos fiéis um sentimento de pertença, de identificação e de união dentro das primeiras comunidades cristãs (MENDES, 2011, p, 68).

Esses rituais, como forma de resgate do passado, podem ser notados ao longo da narrativa lucana, bem como os pequenos gestos e manifestações da natureza. Estes últimos são pontos de reconhecimento do passado, os quais funcionam como atualização de palavras anteriormente ditas. Na ocasião da última ceia, Jesus discursa acerca de diversos assuntos com os discípulos, dentre eles, a sua morte e citações de profecias inscritas do Antigo Testamento. No entanto, entre algumas indagações que os discípulos lançavam como réplica, um deles afirmou estar disposto a morrer com o mestre. Ao que este respondeu: “Afirmo-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante” (Lucas 22: 34).

Esta narrativa evidencia a preocupação mnemônica do relato, especialmente quando no versículo 60, do mesmo capítulo, o canto do galo torna-se um elemento instaurador do reconhecimento. Todavia, não apenas este fenômeno, porque o animal canta quando o discípulo nega conhecer Jesus e relembra suas palavras apenas quando, repentinamente, seu olhar encontra com o do mestre:

[...] uma criada, vendo-o assentado perto do fogo, fitando-o, disse: Este também estava com ele. Mas Pedro negava, dizendo: Mulher, não o conheço. Pouco depois, vendo-o outro, disse: Também tu és dos tais. Pedro, porém, protestava: Homem, não sou. E, tendo passado cerca de uma hora, outro afirmava, dizendo: Também este, verdadeiramente, estava com ele, porque também é Galileu. Mas Pedro insistia: Homem, não compreendo o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. Então, voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje, três vezes me negarás, antes de cantar o galo. Então, Pedro, saindo dali, chorou amargamente (Lucas 22: 54-62).

A dramaticidade do relato é marcada pela retomada do passado próximo que se fez presente, da ressignificação que o simples cantar de um galo dá à negação de um discípulo que se predizia fiel. De modo semelhante, na tragédia grega, diferentes gestos ou fenômenos marcavam a função de elemento de memória e desvelar de um personagem que estava desaparecido e havia retornado sem que ninguém notasse. Esse elemento foi definido por Aristóteles, em sua *Poética*, como reconhecimento. Após a narração de sua morte, sepultamento e ressurreição, o último capítulo do Evangelho de Lucas contém relatos que evidenciam a preocupação do narrador com a preservação do passado e retomada de elementos ritualísticos, que culminam em um reconhecimento ao estilo da tragédia grega. Este episódio, que toma metade do capítulo, encontra-se apenas no texto lucano e mostra a conversa de alguns discípulos sobre os últimos acontecimentos que presenciaram, bem como seu luto e pesar enquanto caminhavam a Emaús. Entretanto, uma surpresa aguardava-os no caminho.

Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús [...]. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas. Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles. Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer (sic) (Lucas 24: 13-16).

A narrativa segue e as personagens, além de não reconhecerem o mestre, ficaram abismadas por pensar que aquele suposto forasteiro não sabia o que havia acontecido em Jerusalém. Então, explicaram-lhe o que houve, qual o motivo da tristeza que apresentavam. A resposta do forasteiro foi outra mostra de resgate da memória. Seu discurso começou com a retomada dos escritos antigos. Iniciou com as histórias de Moisés, passando por profetas judaicos e demais palavras que poderiam trazer à tona o que parecia estar esquecido. No entanto, ao cair da tarde, todos entraram na aldeia e foram comer. Durante a refeição, ocorreu o reconhecimento: “E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles” (Lucas 24: 30-31). Os discípulos, que haviam compartilhado diversas refeições com Jesus, bem como estado familiarizados culturalmente, reconheceram seu modo de partir o pão. Nesse momento, o tom da narrativa muda e o estado de luto vai amenizando-se pouco a pouco.

Dessa forma, os relatos de Lucas mostram que sua base é a memória, tanto como retomada, quanto do trabalho com o devir (memória de futuro), com a preocupação em retomar os rituais e palavras marcadas em seu escrito. Mostra-se que cada cristão sendo formado possui sua memória compartilhada da figura de Jesus a partir de uma memória individual e coletiva. Vale ressaltar que o conhecimento do judaísmo, a dominação romana, os rituais e, sobretudo, o relacionamento dos indivíduos inseridos nas comunidades palestinas influenciaram a escrita do evangelho supracitado e, *a posteriori*, serviram de base como uma “moldura” para a memória compartilhada, em resposta às diferentes situações, através da evocação da própria figura de Jesus.

Considerações Finais

Através da pesquisa realizada evidenciou-se que a narrativa é o suporte da memória e o ato mnemônico por excelência. Nessa perspectiva, compreende-se o Evangelho de Lucas como suporte da memória cristã, como instaurador de discursos de uma memória individual e coletiva, como texto marcado pelo tom literário, como a dramaticidade do relato e elementos

mnemônicos. Tanto na construção narrativa como no conteúdo de seu relato, o Evangelho indicia culturalmente e historicamente a formação da identidade judaico-cristã, assentada em seus próprios livros sagrados e permeada de traços culturais do Império Romano.

Como o principal suporte da memória coletiva do Paleocristianismo, a narrativa possibilita a evocação dessa memória por meio dos rituais – narrativos e litúrgicos. Um dos elementos narrativos interligados à memória é o reconhecimento: o cantar do galo e o partir do pão, momentos de retomada da palavra anunciada e da experiência vivida. Encontrar esse elemento, semelhante aos presentes na tragédia grega, no Evangelho de Lucas, é um indício de que esse texto está além de um simples manual religioso. O tom trágico, no ponto em que a narrativa vai da desdita para a felicidade, amplia o sentimentalismo da narração lucana, evidenciando as limitações das personagens e os conflitos que as envolvem. Assim, sua escrita demonstra características próprias do círculo hermenêutico da literatura. Sem essa compreensão, mesmo a leitura com preocupação teológica pode ficar comprometida. Sabendo de sua composicionalidade literária, de sua ligação cultural na constituição do discurso, constata-se a tentativa de superação dos valores produzidos pela antiga sociedade no Império Romano, pois considerar os registros sobre a vida e palavras de Jesus um “evangelho” é um tipo de subversão do conceito posto sobre o imperador. Por outro lado, essa subversão não é pontuada no relato, apenas aludida ao tecer a narração com base no trabalho mnemônico.

Finalmente, o olhar que foi desenvolvido no trabalho, na verificação da importância da memória na narrativa lucana, possibilitou considerar que os escritos dos evangelhos apresentam traços de uma forma literária conhecida - a doxografia. É uma narrativa marcada pela reminiscência, pelo reconto - retomada de palavras ditas por meio de ações das personagens e atualizações de fatos anteriores. Além da marca do passado, há uma forte ligação com o devir, indicando o trabalho narrativo também com a memória de futuro, ponto que abre possibilidade de novas pesquisas sobre o material literário do texto de Lucas e outras perspectivas sobre os estudos da memória.

Referências

- ALTER, R. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1973.

- AUERBACH, Erick. *Sermo Humilis*. In: AUERBACH, Erick. *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. Trad. Samuel Titan e José Macedo. São Paulo: Editora 34, 2007. p. 29-76.
- BAILEY, Kenneth E. *A poesia e o camponês: uma análise literária-cultural das parábolas em Lucas*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Nova Vida, 1985.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA NVI. Trad. Claiton André Kunz et. al. São Paulo: Editora Vida, 2013.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. 2. ed. revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CASSIN, Bárbara. Transmissão e ficção. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (Orgs.). *Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 25-43.
- DIBELIUS, Martín. *La historia de las formas evangélicas*. Trad. Juan Miguel Diaz Rodelas. Valencia: EDICEP, 1984.
- FERREIRA, João Cesário Leonel. “E ele será chamado pelo nome de Emanuel”: o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus. Tese (Doutorado em Teoria e Crítica Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - Campinas, SP: [S.N.], 2006.
- FRANGIOTTI, Roque. *Cristãos, judeus e pagãos: acusações, críticas e conflitos no cristianismo antigo*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006. Disponível em: <http://baixelivros.org/tmp/bl3/Cristaos_Judeus_e_Pagaos_Acusacoes_Criticas_e_Conflitos_no_Cristianismo_Antigo_Roque_Frangiotti.pdf>. Acesso em: 12 jun 2013.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Trad. Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: Juerp, 1983.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LUZ, Ulrich. *El Evangelio según San Mateo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.
- MACHADO, Jonas. *Cultura Popular e Religião: subsídios para a leitura de textos bíblicos a partir da história cultural de Carlos Ginzburg*. Oráculo, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, 2005.
- MENDES, Caterine Henriques. *Estudo dos Evangelhos Sinóticos: memória e identidade nas primeiras comunidades cristãs*. Pelotas, 2011. 105f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas.
- MITIDIERI, André Luis. *Como e porque (des)ler os clássicos da biografia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. (Coleção humanidades 5).
- MORIN, Émile. *Jesus e as estruturas de seu tempo*. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. V. 5., n. 10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.
- POSTAL, Jairo. *Estratégias discursivas empregadas no evangelho de São Lucas*. *Integração*. n. 58. jul./ago./set., p. 279-286, 2009.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Aliana Georgia C. Cerqueira

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; especialista em Didática do Espanhol como Língua Estrangeira e mestra em Letras: Linguagens e Representações, pela mesma instituição. Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp. Atua, pesquisa e publica nos seguintes temas: gêneros discursivos, alusão, leitura, parábolas jesuânicas, espanhol: língua e literatura estrangeiras. E-mail: alianageorgia@hotmail.com

Recebido em 20 de abril de 2015.

Aceito em 10 de junho de 2015.